



## **Mutirão ciranda: é articulando que nos envolvemos**

Amanda Figueiredo Cruz<sup>1</sup>, Sara Gonçalves Barbosa<sup>2</sup>, Thais Monteiro de Jesus<sup>3</sup> e Almir Almeida Alcântara<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Graduanda em agronomia pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: [amandafc.eab@gmail.com](mailto:amandafc.eab@gmail.com); <sup>2</sup>Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: [sarabarbosa88@gmail.com](mailto:sarabarbosa88@gmail.com); <sup>3</sup>Graduanda em agronomia pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: [thaismonteiroj@gmail.com](mailto:thaismonteiroj@gmail.com); <sup>4</sup>Graduando em agronomia pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: [almir.al.junior@gmail.com](mailto:almir.al.junior@gmail.com).

**Resumo:** Com o intuito de fortalecer e intensificar as ações dos Grupos Agroecológicos em Viçosa/MG, foi composto o Mutirão Ciranda. Formado por integrantes de diversos grupos que se organizam nesse coletivo na construção do Movimento Agroecológico. Com diversas áreas trabalhadas pelos grupos, o Mutirão surge como forma de atrair novos sujeitos, de repensar o aprender e refletir sobre o papel dos estudantes enquanto sujeitos transformadores. Fortalecendo o movimento que, desde a década de 1980, proporciona aprendizados que não são construídos dentro das salas de aula.

**Palavras-chave:** agroecologia; redes; articulação; extensão universitária.

### **1. Introdução**

O termo “mutirão”, de origem Tupi, caracteriza-se pelo trabalho coletivo em benefício mútuo. Assim, o Mutirão Ciranda se propõe a ser um projeto que envolve estudantes, professores/as, pesquisadores/as, técnicos/as e extensionistas na construção coletiva do conhecimento agroecológico na Universidade Federal de Viçosa (UFV), e outras ações que se estendem às comunidades da Zona da Mata Mineira. Ciranda porque o dançar evoca a movimentação contínua.

Com origem nos movimentos alternativos da década 1980, os coletivos Animais para Agroecologia, Saúde Integral e Permacultura (SAUIPE), Grupo Apêti de Agrofloresta e Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica (GAO), cada um com suas especificidades, dão continuidade aos questionamentos dos modelos hegemônicos cultural, social, agrícola e econômico vigentes em nossa sociedade e se reconhecem como atores na construção do movimento agroecológico na Universidade



Federal de Viçosa (UFV).

Para articular estes quatro grupos, criou-se em 2008 o Coletivo Agroecológico Mutirão Ciranda, construído tanto por representantes dos coletivos supracitados como por outros indivíduos interessados pela temática, que tem como objetivo potencializar ações já existentes e criar novas demandas para fortalecer a formação e a divulgação da agroecologia e da cultura popular em todo o Campus da UFV e região. Com a proposta de expandir esta articulação a âmbito nacional, o Mutirão participa da Rede dos Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA-Brasil) e já contribuiu com várias ações da Rede como, por exemplo: sediou o IV Encontro Nacional dos Grupos de Agroecologia (ENGA), integrantes do Mutirão participaram de eventos nacionais representando a Rede, sistematizou e publicou artigos registrando o processo de organização dos grupos de agroecologia do Brasil, realizou ações locais em apoio às Campanhas propostas pela Rede, dentre outras.

## **2. Desenvolvimento**

Entendendo a agroecologia enquanto ciência, prática e movimento, fica evidente que a diversidade de públicos, o que traz uma diversidade de olhares e vivências, é a base para a construção da agroecologia. Essa diversidade parte dos diferentes públicos que compõem os atores sociais envolvidos na disseminação de práticas agroecológicas enquanto modelo de desenvolvimento sustentável, responsável e criativo. Da universidade nasce a sistematização de práticas já consolidadas no meio rural e urbano e aquelas que ainda vêm sendo testadas, a fim de serem implementadas e disseminadas como Tecnologias Sociais para outras localidades.

Dos movimentos sociais vêm nossas práticas de enfrentamento ao modelo hegemônico, do agronegócio, bem como da perda de direitos representada por determinados setores da economia e da política, evidenciados na atual conjuntura de Golpe de Estado sofrido por toda a classe trabalhadora brasileira. Nessa luta contra hegemônica, faz-se necessária uma forte articulação entre o campo e a cidade, o saber popular e o científico, trocando saberes que servem de apoio técnico a outras famílias agricultoras, portadoras de saberes ancestrais ligados, principalmente, à vida no campo e nas florestas.



Além disso, é importante nossa articulação no sentido de empoderar nossos povos das águas e do campo, das florestas e do asfalto, na luta pelo bem-viver.

O Mutirão Ciranda, buscando essa pluralidade, atua em diferentes espaços, o que significa atuar como sujeitos com experiências diferentes e com múltiplas identidades. Nesse processo de articulação com diferentes atores sociais, a comunicação vem sendo um grande desafio, bem como acessar a comunidade local e se fazer acessível a ela, visto que somos peregrinos nessas terras e, além disso, existem muros invisíveis - sociais, culturais, raciais e de gênero - que separam a universidade da cidade, o saber científico do saber popular, a população local da população flutuante, problemática essa enfrentada por diversas universidades Brasil adentro.

As áreas de atuação do Mutirão Ciranda estendem-se pela comunidade *ufeviana* (comunidade envolvida com a Universidade Federal de Viçosa), comunidade viçosense, Zona da Mata mineira, sendo a UFV o palco onde concentram-se nossas ações, onde realizamos atividades com maior frequência. Os coletivos de agroecologia de Viçosa são compostos majoritariamente por estudantes de graduação de diversos cursos, que trabalham nas mais variadas áreas, com os temas de agroecologia, permacultura, saúde integral, etc., práticas que embalem a sociedade na busca pelo bem-viver. Partindo do entendimento que o grupo é formado pelas pessoas que o compõe naquele momento, as áreas de interesse/atuação se modificam constantemente, isso perpassa em cada coletivo que compõe o Mutirão Ciranda, tornando-o um espaço dinâmico, rotativo e, sobretudo, transitório.

Com isso, compreendemos que a educação vivenciada nos processos do Mutirão Ciranda ocorre por meio da coletividade, onde cada sujeito soma ao grupo o acúmulo de conhecimentos, práticas, aprendizados e cultura que traz em sua bagagem, considerando que cada pessoa é um universo inteiro em si mesma, que cada pessoa tem muito a ensinar e muito a aprender, que nos educamos à medida em que nos relacionamos.

Os acúmulos de conhecimento gerados em cada formação, e a continuidade das atividades iniciadas muitas vezes concentram nossa atuação no Campus da Universidade Federal de Viçosa, onde enfrentamos dificuldades em estender nossa área de atuação e abraçar outros territórios. Na Zona da Mata mineira, por exemplo, as atividades/projetos/processos dos quais participamos e nos



empoderamos através do conhecimento, são normalmente enquanto parceiros, mostrando as dificuldades em expandir nossa atuação, em comunicar com outros públicos e em absorver as demandas já existentes. Os trabalhos realizados em parceria com sindicatos, Ong's e outros projetos é um facilitador no processo de diálogo e atividades com as comunidades, gera aproximação, visto que, conforme dito, somos forasteiros, vivemos temporariamente em Viçosa, logo, dependemos das parcerias para acessar tais comunidades, desde as mais próximas, até as mais afastadas da Zona da Mata Mineira.

Porém, por contarmos com essas parcerias, temos dificuldades em criar novas formas de articulação, de diálogo, o que nos dificulta a aproximação com novos territórios, em especial os locais. Além das atividades realizadas externamente à UFV, existem espaços conquistados com luta protagonizada pela classe estudantil, como a Área Experimental do MataGAO, localizada dentro da UFV, uma área de experimentação livre, mantida pelos/as estudantes envolvidos/as com os grupos de agroecologia e, atualmente, com o grupo de almoço. Lá, nos propomos a vivenciar na prática as lacunas da academia.

A Universidade é um território de disputas, e o MataGAO é uma conquista, tanto pela sua localização central, quanto por representar fisicamente o confronto entre os modelos (de construções e pensamentos) vigentes e a proposta da agroecologia para alimentar o mundo. Um outro espaço da agroecologia na Universidade é a Casa da Transição da Vila Gianetti. A Casa da Transição ou Casa 18, como é popularmente conhecida, é um espaço de comunicação, ou seja, um espaço onde firmamos práticas que comunicam, àqueles que transitam e se relacionam com a casa, a agroecologia enquanto ciência prática e movimento que juntos, trazem soluções populares de enfrentamento à fome, à escassez de recursos, e enfrentamento às políticas econômicas neoliberais que representam retrocessos e ameaças ao povo através de vivências entre sujeitos na construção da agroecologia no campus da UFV.

Este espaço cedido em 2011 pelo grupo Folhas da Vida (de práticas alternativas de terapias de prevenção, tratamento e cura de doenças) a estudantes - integrantes dos Grupos de Agroecologia, que a partir de seus sonhos contribuíram para a vivacidade dos processos educacionais no espaço. Por lá passam em média quarenta pessoas de segunda-feira à quinta-feira, e na sexta estima-se que passem



cem pessoas aproximadamente, dentre elas, agricultores/as, estudantes, população viçosense, professores/as e técnicos/as da instituição para participar da Feira de Produtos Agroecológicos da Rede de Prosumidores/as Raízes da Mata. Além das atividades da Raízes da Mata, é neste ambiente de convivência que acontecem semanalmente as reuniões do Mutirão Ciranda e dos grupos que o compõem, como o Sauipe, o GAO e o Apêti, além de grupos parceiros como as aulas de dança e capoeira. Ocorrem também mutirões e oficinas, geralmente nas quintas-feiras, as quais são chamadas de Quintas Agroecológicas.

Um outro grupo que vem se aprimorando, diariamente, da Casa 18 é o Grupo de Almoço, com base autogestionária, no qual as/os estudantes se propõem a fazer o almoço, cuidar da gestão financeira para as compras e limpeza da casa. Esse grupo surge na perspectiva de empoderar os/as estudantes através de sua alimentação, considerada pelo grupo como um ato político. Nos empoderar no sentido de buscar alimentos livres de insumos químicos, conhecer as pessoas que trabalham na terra, na produção desses alimentos, as técnicas de produção agrícola e industrial adotadas, soberania alimentar, territórios, trabalho das famílias agricultoras, saúde, entre outros temas relacionados com a agricultura no Brasil.

Aproveitamos esse espaço como, mais um, de formação política, profissional, estudantil, no sentido de problematizar nossas práticas diárias na busca pela soberania popular, além disso, é um espaço de diálogo onde fortalecemos nosso pertencimento com o movimento agroecológico e reafirmamos nosso compromisso com a disseminação das práticas agroecológicas para outras pessoas. Este é um importante espaço para a nossa formação profissional e pessoal, no qual temos a oportunidade de aprender com o diferente e de experimentar. A apropriação, o sentimento de pertença e a autonomia conquistados no Mutirão Ciranda intensificam a necessidade de compartilhá-lo com, cada vez, mais pessoas.

O Grupo de Almoço, por ser também um espaço de articulações, é composto majoritariamente por membros dos grupos de agroecologia, sendo um deles o grupo Apêti. O nome Apêti é uma referência à agricultura realizada pelos Caiapós que produziam alimentos de forma invejavelmente sustentável. Esses índios tinham um modelo agricultura extremamente complexo baseado nas relações



entre os indivíduos do sistema através do tempo. Eles chamavam de “Apêti” a fase clímax de consórcios de diversas espécies de interesse alimentar, medicinais e madeireiros cultivados em clareiras circulares dentro da floresta.

O Grupo trabalha com o estudo e prática de sistemas agroflorestais numa área experimental cedida pelo Centro de Tecnologias Alternativas (CTA), ONG que atua na Zona da Mata Mineira há quase 30 anos. O espaço para o Sistema Agroflorestal do Apêti fora cedido pelo CTA em 2007, onde, desde então, os estudantes componentes do Apêti realizam cursos e vivências, além dos manejos periódicos. Devido ao alto fluxo de pessoas visitando o CTA, os SAF's implantados nessa área servem de "vitrine" das experiências feitas, assim como espaços educativos para tratar da sócio-biodiversidade local.

Outro grupo que compõe o Mutirão Ciranda é o Saúde Integral em Permacultura (SAUIPE), que desde 2006 se envolve com projetos e atividades relacionados com a permacultura na busca pela saúde integral. Entendendo permacultura como a cultura para a permanência dos seres humanos na Terra, unindo culturas ancestrais sobreviventes com os conhecimentos da ciência moderna. Atualmente o grupo realiza atividades em comunidades rurais com temas ligados ao saneamento ambiental, com ênfase no sistema descentralizado no tratamento de esgoto com as fossas evapotranspiradoras, técnicas de conservação do solo e das águas, e na confecção de produtos de limpeza e higiene ecológicos.

O grupo mais antigo que compõe o Mutirão Ciranda é o Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica (GAO), um grupo estudantil que procura realizar trabalhos voltados para experiências e debates em Agroecologia, do ponto de vista prático e teórico, buscando compreender e trabalhar para um modelo de agricultura e sociedade diferente do que vivemos hoje e também visando cobrir uma lacuna deixada nos programas curriculares acadêmicos da UFV. O grupo realiza mutirões semanais no MataGAO, no período vigente todas as quartas-feiras, mesmo dia em que acontece o almoço do grupo Alfa no local, nos possibilitando assim celebrar juntos a força e a energia do mutirão.

Todos estes territórios se propõem a ser espaços educativos, para propiciar autonomia e emancipação, para tanto, as ferramentas e tecnologias participativas se fazem necessárias. Dentre as metodologias mais utilizadas, e embasados no preceito de que “ninguém educa ninguém, ninguém



educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1968), o Círculo de Cultura é um exemplo de metodologia utilizada por nós em diversos espaços para facilitar a compreensão de algum tema, seja ele geral, ou específico do processo de transição agroecológica. O Círculo de Cultura propõe que as pessoas se organizem em círculo permitindo que todos/as dialoguem se olhando nos olhos. Cada pessoa diz uma palavra que represente o tema tratado, formando uma ideia comum deste tema a partir das conexões das palavras e comentários feitos.

É uma metodologia que horizontaliza os saberes, visto que não existe a presença de um/a “professor/a”, detentor/a dos conhecimentos, mas sim, de sujeitos que contribuem com o seu saber, com sua vivência, com seu olhar sobre o mundo. Além do Círculo de Cultura, outra metodologia que facilita nossas atividades são as Instalações Artístico-Pedagógicas, metodologia que utiliza o espaço físico com elementos que tragam a presença do tema a ser abordado. Nas IAP’s extrapola-se a percepção mental e, a partir da criatividade e dinamização de diálogos e socializações, somos convidadas/os a perceber o espaço a partir dos sentidos e dos sentires, estabelecendo assim uma relação que vai do lúdico, passando pelo imaginativo/introspectivo, até chegar ao material, através do elemento coletado no local, elucidando sobre o tema em questão.

As IAP’s são utilizadas nos Terreiros Culturais, Trocas de Saberes, Intercâmbios Agroecológicos, Caravanas Agroecológicas, Aulas Abertas de Agroecologia, dentre outros, e dão abertura para uma abordagem política e politizada da nossa interação com o mundo. As Aulas Abertas são uma conquista dos grupos de agroecologia, mais uma vez com protagonismo estudantil, um momento de trocas de experiências nos temas com os quais trabalhamos. Estas aulas fazem parte do conteúdo de duas disciplinas oferecidas ao curso de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa. As aulas são construídas coletiva e horizontalmente por estudantes, o que na prática nos permite a visualização e a avaliação da eficácia de tais ferramentas.

Na busca por uma melhor comunicação externa, no decorrer do ano realizamos também atividades como: recepção de calouros/as, rodas de conversa com executivas de curso, no intuito de um melhor diálogo com o movimento estudantil, exposição de fotos no hall da biblioteca, retrospectiva do movimento agroecológico através de uma linha do tempo, seminários e oficinas entre grupos. O



Mutirão Ciranda também atua em rede nacional, se propondo a construir juntamente com outros grupos de agroecologia de todo território nacional, a Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA-Brasil).

A REGA surgiu em 2010, durante o II Encontro Nacional dos Grupos de Agroecologia do Brasil (ENGA), e vem ganhando forma desde então, possibilitando uma maior troca de experiências, mobilidade e fortalecimento da articulação e do caráter colaborativo da cultura entre os grupos. Dentre várias atividades que a Rede realiza, destacam-se os Encontros Nacionais dos Grupos de Agroecologia, os Sementários – Seminário Nacional de Organização interna da Rede, Encontros Regionais dos Grupos de Agroecologia (ERGAs) e também as campanhas agroecológicas, uma estratégia adotada pela Rede que estimula os coletivos de todo o Brasil que a integram a realizarem ações simultâneas ao longo do ano a fim de dar mais visibilidade às discussões mais recorrentes na Rede. Em apoio às Campanhas, o Coletivo Mutirão Ciranda realiza anualmente o “Maio Agroecológico”. Mês marcado por diversas atividades com as temáticas agroecológicas realizada pelos Grupos de Agroecologia do país.

O Mutirão Ciranda desde sua formação se integra ao Programa de Extensão Universitária TEIA, articulando-se com demais projetos de extensão na construção de outros eventos, como a Troca de Saberes, por exemplo, evento realizado desde 2009 na Universidade Federal de Viçosa. A Troca de Saberes acontece durante a Semana do Fazendeiro, palco do agronegócio na universidade e se apresenta como um confronto ideológico na disputa desse território contra o capitalismo do agronegócio, sendo seu público majoritário camponeses/as, trabalhadores/as rurais e a juventude do campo.

### **3. Considerações finais**

Deparamo-nos diariamente com desafios, urgências e novas percepções sobre a agroecologia. A dinâmica impressa neste Coletivo, assim como o acúmulo que o tempo e a diversidade de sujeitos nos trazem, colocam-nos em constante reflexão e reavaliação. Cirandando de mãos dadas e olhos nos olhos



recuperando nossa unidade, evidenciando que os processos e os caminhos que escolhemos caminhar são em si o objetivo da jornada.

O caminho nos proporciona movimento, aprendizados, é no caminho que as coisas acontecem, que as pessoas se conhecem e se envolvem, entre si, e com modos de vida menos agressivos à nós mesmos e ao meio que partilhamos, chamado Terra. Compreendendo que historicamente a articulação em agroecologia de Viçosa/ MG é referência e inspiração para outras localidades, e que o espaço conquistado traz responsabilidade e a necessidade de cuidado.

### Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981, p. 79.

### ANEXOS



**Figura 1.** Oficina de Saneamento Ambiental e produtos de higiene e limpeza ecológicos realizado na Casa 18 - Casa da Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa.  
**Fonte:** Grupo SAUIPE de Saúde Integral em Permacultura.



**Figura 2.** Intercâmbio Agroecológico na propriedade da D. Terezinha e Seu Jésus - agricultora e agricultor familiares da cidade de Viçosa/MG e participantes da Rede de Prosumidores Raízes da Mata.

**Fonte:** Rede de Prosumidores Raízes da Mata.